

A Cristianização da Noruega e o Fortalecimento da Monarquia Norueguesa – Uma Perspectiva Histórico-Literária

Tiago Quintana

Curso de Letras – UFRJ
quintanads@yahoo.com.br

e

Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Jr.

Departamento de Letras - UFRJ
alvabrag@uol.com.br

Resumo

A literatura nórdica medieval tem nas sagas uma de suas mais significativas manifestações; nelas estão representados diferentes aspectos sociais do mundo germânico. Partindo de uma contextualização histórico-literária das características sócio-culturais das sagas islandesas, este artigo propõe-se a demonstrar a relação entre o processo de cristianização da Noruega durante o reinado de Olaf Tryggvason e o fortalecimento da monarquia norueguesa, e como esses desenvolvimentos podem ser observados no conto islandês *Sörla Thátttr* através de uma análise literária e de discurso.

Palavras-chave: Cristianização, Monarquia, Noruega

Abstract

The medieval Norse Literature has the sagas as one of its most significant manifestations; in them, different social aspects of the Germanic world are represented. By taking the historical and literary contextualization of the social and cultural aspects of the Icelandic sagas as a starting point, the present paper aims to show the relationship between Norway's Christianization process during the reign of Olaf Tryggvason and the strengthening of the Norwegian monarchy, as well as how these developments can be seen in the Icelandic tale *Sörla Thátttr* through a literary and discourse analysis.

Keywords: Christianity, Monarchy, Norway

I. Introdução

A menos que faça com que dois reis, ambos servidos por vinte reis, batalhem sob tal encantamento que mesmo os guerreiros golpeados de morte se levantarão e continuarão a lutar; e assim será para todo o sempre, a menos que um homem batizado tenha o coração tão valente, e seu senhor tenha tal poder e ascendência, que ele ousará intervir na batalha e desferirá o golpe final a esses homens. Somente então o tormento desses guerreiros chegará ao fim, quem quer que seja o senhor a quem recairá libertá-los da sina de seus terríveis feitos (Thordson; Thorhalson 2000: 3-4).¹

Com esta ordem à deusa Freya, o deus Odin coloca em movimento uma série de acontecimentos trágicos que, por fim, levarão a uma batalha sem fim entre os reis Hogni e Hedinn, como narrado no *Sörla Tháttr*² (“O conto de Sörlí”, em uma tradução livre), um conto islandês do século XV encontrado no livro *Flateyjarbók* (“O livro da ilha plana”), escrito pelos padres Jon Thordson e Magnus Thorhalson; eles se libertam do feitiço apenas pela intervenção de Ivar, o Luminoso (*Ívarr Ljómi*, ou *Ivar Gleam-bright* na tradução para o inglês de Eiríkr Magnusson e William Morris), guerreiro cristão a serviço de Olaf Tryggvason, rei da Noruega.

O interesse ao analisar o trecho mencionado do conto não é na narrativa em si, mas no modo como Odin se expressa: “(...)a menos que um homem *batizado* tenha o coração tão valente, e *seu senhor* tenha *tal poder e ascendência*(...)”. Dizer que apenas um homem batizado é capaz de quebrar o encanto é dizer, implicitamente, que o poder do deus cristão é superior ao poder de Odin. Ora, porque iria Odin, rei dos deuses nórdicos e criador do mundo, chamado de Pai de Todos, reconhecer a superioridade de outro deus?

Também é notável a menção ao “senhor de tal poder e ascendência”. Sabemos pelo próprio conto que o senhor de Ivar é Olaf Tryggvason; será mera coincidência que logo este rei, conhecido por difundir violentamente o cristianismo na Noruega, seja mencionado como “o senhor de tal poder e ascendência”, “a quem recairá libertá-los da sina de seus terríveis feitos” – estabelecendo, desse modo, a superioridade do rei cristão sobre a feitiçaria pagã?

Tendo isso tudo em mente, este artigo propõe-se a demonstrar a relação entre o processo de cristianização da Noruega durante o reinado de Olaf Tryggvason e o processo de fortalecimento da monarquia norueguesa, ocorrido através da unificação dos diversos pequenos reinos noruegueses em um único reino, da subjugação da aristocracia guerreira norueguesa (os *jarls*) e dos conselhos responsáveis pela legislação e governo local das aldeias (os *things*) e da centralização do poder político e militar na figura do rei, o próprio Olaf Tryggvason, e como esses desenvolvimentos podem ser observados em uma análise literária do conto islandês *Sörla Tháttr*.³

II. A cristianização dos reinos escandinavos e da Islândia

O abandono da religião pagã e a adoção do cristianismo foi um processo que ocorreu de modo diferente entre os reinos escandinavos e a Islândia: na Noruega, na Suécia e na Dinamarca, ao contrário da Islândia, esse processo foi imposto por seus respectivos monarcas, alguns dos quais usaram de violência para tal. Foi também um processo lento; reações pagãs à cristianização forçada (normalmente em associação com insatisfações de natureza sócio-política, não apenas religiosa) ainda ocorreram nos três reinos por muito tempo após serem oficialmente convertidos à religião cristã. No

entanto, é seguro afirmar que tanto nos reinos escandinavos quanto na Islândia esse processo originou-se principalmente de considerações políticas, não apenas religiosas.

II.1. Uma introdução ao processo de cristianização da Dinamarca e da Suécia

O primeiro rei dinamarquês a ser batizado foi Harald Klak, rei da Dinamarca de 812 a 814 e novamente de 819 até 827. Após ser deposto pela primeira vez em 814, Harald buscou refúgio com Luís I, o Piedoso, rei da França. Desejoso do apoio do rei franco, ele teria se convertido ao cristianismo, assim como muitos de seus serviçais. Apesar de vir a ser deposto novamente em 827, é certo que quando retornou ao trono em 819 ele trouxera consigo alguns monges – dentre eles o futuro São Ansgar, responsável por trabalhos missionários por toda a Escandinávia –, que começaram a catequese dos dinamarqueses (Sorensen 1997: 218-221).

São Ansgar também tentaria catequizar os suecos, mas sem grande sucesso. Na Suécia, o cristianismo começou a se firmar apenas por volta do ano 1000 d.C., com o rei Olof Skötkonung, que reinou de 995 a 1022, o primeiro rei sueco cristão. No entanto, Olof teria limitado a disseminação do cristianismo em seu reino à província de Västergötland, onde o cristianismo era bem aceito, em contraste com o resto do reino (Jones 1984: 74; 379).

Ainda há muito a se dizer sobre o processo de cristianização da Dinamarca e Suécia. Embora Harald Klak e Olof Skötkonung tenham iniciado tais processos (e, ao mesmo tempo, os processos de integração política de seus respectivos reinos à Europa continental), demorou muito ainda até os suecos e dinamarqueses realmente se converterem ao cristianismo. No entanto, por considerações de espaço, essa linha de pesquisa não será continuada neste artigo, salvo para repetir uma comparação feita anteriormente: assim como nesses dois reinos, a cristianização da Noruega ocorreu devido a considerações políticas de seu monarca, que não hesitou em usar de violência para impor a nova religião.

II.2. Uma introdução ao processo de cristianização da Islândia

Em contraste com os reinos escandinavos, o cristianismo foi aceito na Islândia de maneira pacífica. No ano 1000 d.C., a assembléia geral da Islândia, seu corpo jurídico e legislativo, votou pela aceitação imediata da religião cristã, ao menos em público – o culto particular aos deuses pagãos ainda era permitido. Meio século depois, não havia ocorrido ainda nenhuma reação pagã à cristianização, ao passo que mais e mais padres e bispos eram enviados para a ilha, culminando, por fim, na criação da primeira sé islandesa e na ordenação do primeiro bispo islandês. Um século depois, quase toda a Islândia era verdadeiramente cristã, e a veneração pagã – mesmo quando realizada apenas em altares domésticos – já não era mais permitida (Jochens 1999: 621-622).

É interessante notar que apesar da Islândia ter adotado o cristianismo como religião pública por uma decisão de sua assembléia geral, o rei Olaf Tryggvason enviara antes missionários cristãos para a ilha em um esforço de catequese mal-sucedido, pois aceitar o cristianismo por pressão do rei norueguês seria aceitar implicitamente o domínio da Coroa norueguesa sobre a Islândia (Sorensen 1997: 220).

Também há muito a se dizer ainda sobre o processo de cristianização da Islândia; no entanto, novamente por considerações de espaço, essa linha de pesquisa não

será continuada neste artigo, salvo para repetir uma comparação feita anteriormente: enquanto nos reinos escandinavos o processo de cristianização foi uma manobra política por parte de seus respectivos monarcas, sendo muitas vezes implementado de forma violenta, na Islândia ele foi resultado de uma decisão tomada pela comunidade, após a qual a cristianização da ilha continuou como um processo pacífico e orgânico.

II.3. O processo de cristianização da Noruega

Na Noruega, o processo de cristianização começou com o rei Hakon, o Bom (tradução livre de “Hakon the Good”), foi reiniciado com ainda maior força pelo rei Olaf Tryggvason e finalmente concluído pelo rei Olaf Haraldsson, também conhecido como São Olavo, santo padroeiro da Noruega. Com o rei Hakon, esse processo parece ter ocorrido de maneira relativamente pacífica, consistindo apenas em uma pressão sócio-política por parte do rei para que seus súditos adotassem o cristianismo. No entanto, Hakon, o Bom, foi forçado a renunciar ao cristianismo pela pressão de seus súditos. Quanto ao rei Haraldsson, apesar de ele ter concluído o processo, é inegável que foi Tryggvason quem, efetivamente, iniciou a conversão da Noruega ao cristianismo. Sendo assim, será em seu reinado que este artigo se concentrará.

Em contraste com o rei Hakon, esse mesmo processo ocorreu de modo muito mais violento com o rei Tryggvason. Como diz a *Heimskringla*:

O rei então foi para o norte de Viken e convidou todos a aceitarem o cristianismo; e aqueles que se opuseram ele puniu com severidade, matando alguns, mutilando outros, e forçando outros ao exílio (Sturluson 1844: 127-128).⁴

Além de banir, torturar ou executar pagãos recalcitrantes, Tryggvason também destruiu templos pagãos e queimou feiticeiros:

Ele então velejou para Hlader, em Trondheim, e fez com que o templo de lá fosse completamente destruído; tomou do templo, e dos deuses que ali havia, todos os ornamentos e todos os objetos como, dentre outras coisas, o grande anel de ouro que o conde Hakon ordenou que fosse feito, e que ficava pendurado na entrada do templo; e então mandou queimar o templo (Sturluson 1844: 130).⁵

O rei então seguiu viagem até Tunsberg e convocou uma assembléia, na qual ele declarou que todos de quem se tivesse certeza que lidavam com espíritos malignos, ou com feitiçaria, ou que eram feiticeiros, deveriam ser banidos. Ele então ordenou que se procurasse por essas pessoas por toda a região e chamou-as todas para diante de si;(...). O rei fez com que todos se sentassem em uma sala bem decorada e ofereceu-lhes um grande banquete e bebida forte em grande quantidade. Quando todos estavam completamente bêbados, ele ordenou que se ateasse fogo à casa, e ela e todas as pessoas dentro foram consumidas,(...) (Sturluson 1844: 131).⁶

A “conversão pela espada” implementada por Tryggvason foi, se nada mais, eficiente:

Finalmente, ele fez isso de tal modo que todo o reino sobre o qual Tryggve seu pai reinara, e também o reino de seu parente Harald Grenske, aceitou o

cristianismo, e durante aquele verão (996 d.C.) e o inverno seguinte (997 d.C.) toda Viken tornou-se cristã (Sturluson 1844: 128).⁷

Não apenas Viken, mas também outras regiões da Noruega passaram pelo mesmo processo, como Rogaland:

Quando os homens livres vieram para a assembléia, e esta estava formada, o rei Olaf levantou-se e, a princípio, conversou de maneira bem-humorada com seu povo; mas eles observaram que ele, com suas palavras bonitas, queria que aceitassem o cristianismo. Em conclusão, ele lhes disse que aqueles que não aceitassem sua proposta e falassem contra ele incorreriam em seu desagrado e seriam punidos com todos os males que estava em seu poder infligir (Sturluson 1844: 128).⁸

Apesar da eventual derrocada de Tryggvason, sua campanha de cristianização do reino já havia dado frutos e a religião cristã se encontrava firmemente enraizada nas terras norueguesas, em contraste com as tentativas de Harald Klak e Olof Skötkonung de fazer o mesmo em seus respectivos reinos. Quando o rei Olaf Haraldsson assumiu o trono, ele finalmente completou o processo de cristianização da Noruega através de uma combinação de evangelização, legislação e uso de força. Após sua morte, já não havia mais nenhuma oposição digna de nota ao cristianismo na Noruega (Sorensen 1997: 219-220).

II.4. Conseqüências sócio-políticas da cristianização da Noruega

Acima de tudo, mais do que um ato de devoção religiosa, o esforço de cristianização da Noruega por parte de Olaf Tryggvason foi um instrumento político em sua campanha para fortalecer seu reino. Em termos políticos, uma Noruega cristã poderia aproximar-se dos reinos continentais, como a França ou o Sacro Império Romano Germânico e, assim, estabelecer alianças com seus líderes. Já uma Noruega pagã permaneceria isolada e ignorada. Uma mostra dos possíveis benefícios dessas alianças foi dada quando o rei dinamarquês Harald Klak foi deposto pela primeira vez em 814, mas retornou ao trono graças à ajuda do rei francês Luís, o Piedoso.

Em termos sócio-culturais, a adoção da religião cristã alteraria de modo fundamental a consciência sócio-política do povo norueguês. Virtudes, idéias e conceitos que antes eram exaltados pela cultura nórdica pagã – como o orgulho guerreiro e a honra pessoal, por exemplo, ou a devoção religiosa como um ritual feito principalmente pelo indivíduo (embora rituais comunitários fossem importantes), ou o clã como a unidade social mais importante de todas, acima de reis e senhores – passariam a ser condenados ou mesmo reprimidos pelo cristianismo: a devoção religiosa, por exemplo, seria um ritual quase exclusivamente comunitário, feito e regulado unicamente pelo clero, e a obediência absoluta à hierarquia feudal – especialmente ao rei – substituiria as noções de lealdade absoluta à família; crimes que antes eram apenas violações das leis e normas da sociedade seriam transformados em ofensas diretas a Deus e o rei, criando uma camada adicional de repúdio ao ato criminoso e, ao mesmo tempo, colocando o rei como o árbitro maior da lei e da sociedade, usurpando o papel tradicional das assembléias comunitárias.

Era uma relação simbiótica: o rei ajudaria os esforços de catequese da Igreja Católica e, em troca, os sacerdotes cristãos ajudariam a realizar essa transição sócio-cultural do modo de vida pagão para o modo de vida cristão e feudal, transferindo o

poder sócio-político da família e das assembleias e nobreza locais para o rei e o clero. Esse era o objetivo de Olaf Tryggvason ao cristianizar a Noruega.

III. A produção literária nórdica medieval – breves palavras

A produção literária oral e escrita dos nórdicos medievais consistia na poesia nórdica medieval e nas sagas. A poesia nórdica medieval, isto é, a poesia escandinava e islandesa composta entre os séculos VIII e XIII, era declamada por *skalds*⁹, poetas da corte da Escandinávia, Islândia e demais regiões de cultura predominantemente nórdica. As sagas eram histórias sobre deuses, heróis e antepassados da cultura nórdica, isto é, a cultura da Noruega, Suécia, Dinamarca e demais regiões colonizadas por esses reinos, compostas entre os séculos VIII e XII. Ambas eram produto de uma cultura oral e só foram escritas a partir do século XII, na Islândia (Lönnroth 1997: 225-227).

A poesia nórdica medieval é dividida entre poesia *eddaica* e poesia *skaldica*. A poesia *eddaica* tinha como objetivo narrar as aventuras de deuses e heróis mitológicos, como os deuses Odin e Loki ou o herói Sigurd, enquanto a poesia *skaldica* tinha como objetivo recitar e enaltecer os feitos de condes, reis e heróis nórdicos, como os reis Ragnar Lodbrok e Olaf Tryggvason ou o herói Egil Skallagrímsson. De modo geral, a poesia *eddaica* não era tão complexa, em termos de sintaxe, métrica e vocabulário, quanto a poesia *skaldica*, enquanto a maior parte dos poemas *skaldicos* tinham como tema pessoas reais e eventos históricos, muitas vezes contemporâneos ao *skald* que compusera o poema, apesar de existirem também poemas *skaldicos* com temas mitológicos. Embora cada uma tivesse suas próprias características estilísticas e temáticas, bem como sua própria métrica, o uso de certos artifícios lingüístico-literários, como aliteração¹⁰, *kenningar*¹¹ e *heiti*¹², era comum a ambas (Frank 2005: 157-161; Harris 2005: 68-74).

Exemplos de poemas *eddaicos* são a *Sigrdrífumál* (“A balada de Sigurdriða”, em uma tradução livre), que descreve um encontro entre o herói Sigurd e a valquíria Brynhild (chamada no poema de Sigurdriða, “portadora da vitória”) e como esta o ensina a invocar o poder mágico das runas; e a *Lokasenna* (“A contenda de Loki”), que descreve um banquete dos deuses durante o qual Loki e os outros deuses trocam insultos entre si, culminando no aprisionamento de Loki. Exemplos de poemas *skaldicos* são a *Ólafsdrápa Tryggvasonar* (“Eulogia a Olaf Tryggvason”), que foi composto em homenagem ao rei norueguês Olaf Tryggvason e celebra seus feitos; e a *Íslendingadrápa* (“Eulogia aos islandeses”) que relata a vida e os feitos de alguns heróis islandeses, como Egil Skallagrímsson, Grettir Asmundarson e Kormak Ogmundarson.

As sagas, apesar de escritas em prosa, eram baseadas em histórias orais e poemas mais antigos. Estilisticamente, em contraste com seu material de origem, elas tinham uma narrativa clara, concisa e objetiva. Podem ser classificadas de acordo com sua temática: as principais eram as sagas de reis, ou *konungasögur* (“histórias de reis”, em uma tradução livre), que narram a vida e os feitos de reis nórdicos; as sagas das famílias, ou *íslendingasögur* (“histórias de islandeses”), que narram eventos centrados ao redor de certas famílias e indivíduos ocorridos na Islândia entre os séculos X e XI; e as sagas heróicas, ou *fornaldarsögur* (“histórias de tempos distantes”), que narram histórias lendárias repletas de elementos fantásticos e mitológicos (Lönnroth 1997: 226-227).

Exemplos de sagas são a *Heimskringla*, uma crônica sobre os reis da Noruega desde a mítica linhagem dos Ynglings (portanto, uma saga de rei); a *Egilssaga Skallagrímssonar*, uma saga sobre os feitos e as desventuras do herói islandês Egil

Skallagrímsson (portanto, uma saga de família); e a *Hervarar saga ok Heidreks*, uma saga sobre a espada amaldiçoada Tyrfing e a ruína que ela traz à linhagem do rei Sigrlami (portanto, uma saga heróica).

IV. Análise literária e de discurso do *Sörla Tháttr*

IV.1. Resumo do conto

No *Sörla Tháttr*, os deuses nórdicos são descritos como homens e mulheres comuns, sendo Odin o rei de Asialand e Freya, a mais bela de todas as mulheres, sua amante. Haviam também homens chamados de “anões”, sendo eles Alfrigg, Dvalin, Berling e Grerr, que eram excelentes ferreiros e artesãos, e certa vez eles forjaram um belíssimo colar de ouro. Freya enamorou-se de tal modo desse colar que, para obtê-lo, concordou em passar uma noite com cada um dos quatro.

Loki, descrito como um espião a serviço de Odin, sabia como Freya havia conseguido o colar e contou a Odin; este ordenou-lhe que roubasse o colar, ou seria banido do reino. Loki, usando de astúcia e habilidades sobrenaturais, furtou o colar, e assim que Freya deu pela falta do mesmo foi diretamente até Odin, que lhe deu a ordem já mencionada na introdução deste artigo.

A narrativa prossegue descrevendo os feitos dos reis Hogni e Hedinn, e de como ambos recebiam tributos de vinte reis cada. E então, certo dia, o príncipe Hedinn encontrou-se com uma mulher de grande beleza chamada Gondul, e ambos começaram a conversar. Hedinn contou seus feitos, e perguntou a Gondul se ela já havia ouvido falar de algum rei cuja fama superasse a sua, e ela respondeu que sim, o rei Hogni, o que levou Hedinn a determinar que eles competiriam entre si para ver quem era o melhor.

Quando Hedinn encontrou com Hogni, foi recebido com um lauto banquete. Após revelar as razões de sua viagem, ele e Hogni realizaram várias disputas entre si, mas ambos estavam de tal modo equiparados em habilidade que ninguém via uma diferença na perícia dos dois; sendo assim, eles juraram eterna amizade e irmandade entre si.

Ocorreu então que Hogni foi à guerra e deixou seu reino sob os cuidados de Hedinn. Este, certo dia, encontrou-se novamente com Gondul, que lhe deu uma bebida que o fez se esquecer de seu juramento com Hogni. Eles então começaram a conversar sobre as disputas entre Hogni e Hedinn, e quando este disse que ambos estavam equiparados em tudo, ela disse que, na verdade, havia algo no qual Hogni lhe era superior: ele era casado. Hedinn então respondeu que lhe bastaria pedir a Hogni a mão de sua filha, Hild, em casamento, mas Gondul o convenceu de que não havia glória alguma nisso, que ele deveria seqüestrar Hild e matar a esposa de Hogni.

Enfeitiçado por Gondul, Hedinn assim o fez, apesar das súplicas de Hild em contrário. Mais tarde, quando ele já havia matado a esposa de Hogni e fugido com Hild para a ilha de Ha, Gondul removeu de Hedinn o feitiço de esquecimento, de modo que ele se lembrou de seu juramento de irmandade com Hogni e sentiu vergonha por seus feitos, e colocou sobre ele, sobre Hogni e sobre os exércitos de ambos o encantamento que Odin lhe ordenara realizar, revelando-se assim como sendo Freya na verdade.

Foi então que Hogni alcançou Hedinn. Este prometeu devolver Hild e dar-lhe toda sua riqueza em compensação, mas Hogni recusou sua oferta, pois o crime que fora cometido contra si era vil demais para ser perdoado. Hedinn ainda se ofereceu para lutar em duelo singular contra Hogni e, desse modo, poupar os guerreiros a serviço dos dois,

mas os exércitos de ambos declararam que lutariam entre si independentemente da vontade de seus senhores. Sem outra saída, Hedinn aceitou o combate, e os dois lados passaram a lutar uma batalha sem fim, pois “apesar de eles se fenderem até os ombros, ainda assim mantinham-se de pé e continuavam a lutar”¹³ (Thordson; Thorhalson 2000: 10), enquanto Hild apenas assistia.

Cento e quarenta e três anos depois, Olaf Tryggvason, rei da Noruega, aportou na ilha de Ha e permaneceu em seu navio. Toda noite, no entanto, um de seus vigias desaparecia, até que foi a vez de Ivar, o Luminoso, montar a guarda. Nessa mesma noite, Ivar encontrou-se com Hedinn, que lhe contou sua triste história e pediu-lhe ajuda para acabar com o feitiço de Odin, pois “nada mais os libertaria até que um homem batizado lutasse com eles; e aqueles que ele derrubar não mais se levantarão”¹⁴ (Thordson; Thorhalson 2000: 11). Ivar concordou e, com a ajuda de Hedinn, matou Hogni e todos os outros guerreiros, deixando o próprio Hedinn por último. Quando todos já estavam mortos, Ivar viu que Hild havia simplesmente desaparecido.

No dia seguinte, ele contou sua história a Tryggvason, que a considerou maravilhosa, mas quando todos foram investigar não havia nenhuma marca do que havia acontecido, exceto pelo sangue na espada de Ivar. Nenhum vigia desapareceu mais, e o rei voltou ao seu reino após esses acontecimentos.¹⁵

IV.2. A representação literária e mitológica tradicional dos deuses Odin e Freya

Antes de analisar a maneira como Odin e Freya foram representados no *Sörla Tháttr*, é importante estudar como eles eram tradicionalmente representados nas histórias pré-cristãs. Embora o deus Loki faça parte da narrativa do conto, ele não fará parte desta análise por ser um personagem por demais secundário para a trama, e também por sua caracterização estar em geral de acordo com sua representação literária e mitológica tradicional.

Nas histórias e mitologia nórdicas, Odin é o rei dos deuses de Asgard, o lar dos aesires – uma das famílias de deuses. Sentado em seu trono, ele observa as batalhas que ocorrem no mundo dos homens, sendo este quem decide pela vitória ou derrota dos combatentes. Quando decide que um guerreiro deve morrer, envia as valquírias, as deusas guerreiras, para provocar sua morte e levar sua alma ao Valhalla, o além-vida dos que morreram em batalha. Dessa forma, ele age também como a personificação do Destino, causando a morte dos guerreiros quando a hora chega. Reis, nobres e guerreiros fazem sacrifícios em sua homenagem para conseguir seu favor e garantir a vitória em batalha.

Mas Odin não é apenas o deus dos mortos, dos guerreiros ou dos senhores; é também o deus da poesia e da magia, pois foi ele quem concedeu ambas ao homem. É o deus da inspiração, em todas as formas possíveis: a inspiração artística do *skald*, o frenesi de batalha do guerreiro, o transe do feiticeiro.

É ainda o deus criador, pois foi ele quem criou o mundo e os seres que nele vivem, como o Homem. Não é, no entanto, um deus progenitor, no sentido que toda uma família de deuses traça sua linhagem dele, como acontece com Urano, da mitologia grega, ou Tiamat, da mitologia babilônica.

Já a deusa Freya é uma vanir, a outra família de deuses. Os vanires são deuses associados à Natureza e aos elementos (por exemplo, seu pai, Njord, é o deus dos mares), e Freya não é uma exceção: é a deusa da fertilidade em todas as suas concepções – a fertilidade da terra, a fertilidade da mulher, até mesmo a fertilidade do gado. Com isso, ela era também a deusa da prosperidade, pois o maior símbolo de

prosperidade entre os nórdicos era um rebanho grande e saudável. Sua beleza é tamanha que até mesmo os gigantes a desejam como esposa ou amante, e quando chora, suas lágrimas são de ouro.

Assim como Odin, Freya também tem muitas faces. É uma deusa feiticeira, como Odin, e também ela concedeu a feitiçaria aos homens; mas enquanto a magia que Odin ensinou é a magia rúnica, associada à nobreza, à guerra e ao universo masculino, a magia de Freya é a magia feminina, espiritual, xamânica. É verdade que Odin também aprendeu essa magia feminina (em algumas versões da história, com a própria Freya), no entanto, de acordo com os mitos não foi ele quem a ensinou à raça humana, mas sim Freya, o que diferencia o papel mitológico e literário de ambas as divindades.

Freya é também uma deusa associada à guerra e aos mortos: metade daqueles que caem em batalha são levados não para o Valhalla de Odin, mas sim para o Fólkvangr de Freya.

Guerreiro, feiticeiro, poeta, rei e andarilho. Mãe, amante, mulher, feiticeira. Tanto Odin quanto Freya possuem muitas faces e em todas as histórias em que aparecem são divindades respeitadas, muitas vezes temidas, embora nem sempre amadas no caso de Odin (Jones 1984: 319-324).

IV.3. Análise literária e de discurso do conto

Ao se fazer uma análise literária mais profunda, nota-se que o *Sörla Þáttur* é, na verdade, composto de elementos de diversas histórias mais antigas: o colar de Freya, Brisingamen, já é mencionado na *Prose Edda*, Loki roubando esse mesmo colar é contado na *Húsdrápa*, e a descrição dos deuses nórdicos de acordo com a teoria do euhemerismo¹⁶ já havia sido feita por Snorri Sturluson no prólogo da *Prose Edda*. A própria batalha sem fim entre os reis Hogni e Hedinn também já havia sido narrada no mesmo livro. Os únicos acréscimos à história são elementos cristãos, como o homem batizado que irá libertar os dois exércitos de seu encantamento e a referência a Olaf Tryggvason.

No conto, Odin, o maior de todos os deuses do panteão nórdico, criador do mundo e dos homens, é descrito como sendo apenas um rei poderoso. Da mesma maneira, os outros deuses nórdicos, como Loki e Njord, também são descritos como meros mortais. Por si só, o capítulo introdutório do conto já destitui os deuses nórdicos de sua divindade, mas Odin em particular é rebaixado de senhor dos aesires, temido e respeitado (ainda que não amado), a um amante traído, algo que feriria a masculinidade tanto do homem cristão quanto do homem pagão. Mais importante ainda, ele reconhece implicitamente a superioridade do deus cristão sobre si, e conseqüentemente a superioridade da religião cristã sobre o culto pagão.

Odin não era um deus amado pelo povo comum, sendo mais reverenciado por reis, nobres, poetas e guerreiros, mas Freya era uma divindade muito adorada devido à sua associação com a fertilidade e prosperidade, e seu culto sobreviveu na forma de lendas e superstições por muito tempo ainda mesmo após a conversão completa dos povos nórdicos ao cristianismo. Ao remover essa caracterização e reduzi-la à condição de mera feiticeira e amante de Odin, não estaria o conto também impugnando a importância dessa deusa na religião nórdica?

Da mesma forma, para conseguir o colar Brisingamen, Freya consente em passar uma noite com cada um dos quatro anões que o forjaram, uma atitude reprovável não apenas do ponto de vista cristão, mas também pagão: na *Lokasenna*, a deusa Gefion é reprovada por Loki por dormir com um garoto para conseguir o Brisingamen, isto é, por

rebaixar-se a oferecer favores sexuais em troca de um colar. Embora outras histórias, como a *Húsdrápa*, digam que o Brisngamen era propriedade de Freya (e é possível também que Gefion seja um outro nome para Freya), essas histórias não mencionam como ela conseguiu o colar. Novamente, estaria o conto impugnando a importância da deusa ao associá-la especificamente a um ato que tanto a moral cristã quanto a pagã repudiariam – oferecer a si própria a anões, tradicionalmente caracterizados como seres feios, cobiçosos e traiçoeiros, em troca de um simples colar?

Para recuperar esse mesmo colar, Freya realiza um feitiço que desafia a ordem natural de ambos os universos – cristão e pagão – ao forçar os mortos a se levantarem e continuarem a lutar. Embora a feitiçaria esteja dentro de seu domínio como deusa pagã, Freya deveria levar os que morreram em batalha – ou pelo menos metade deles – para o além-vida, não forçá-los a lutar eternamente. Além disso, o morto inquieto é uma criatura abominável aos olhos dos nórdicos, como visto na saga de Hromund Gripsson, na qual o herói titular é forçado a derrotar um *draugr*, um morto-vivo das lendas nórdicas. Portanto, não estaria o conto deliberadamente deturpando o papel de Freya como deusa associada à morte e à magia?

Finalmente, o encantamento de Freya – ou melhor, a vontade de Odin – é quebrado pela intervenção de um homem batizado, isto é, um homem sob a proteção de Cristo, a serviço justamente da figura mais importante na cristianização da Noruega, o rei Olaf Tryggvason. Esta última parte é crucial: para desfazer a feitiçaria pagã, foi necessária a presença – ainda que simbólica – do rei que de fato trouxe o cristianismo à Noruega.

Portanto, e com tudo o que já foi dito em mente, é seguro afirmar que o *Sörla Tháttr* reduz os mitos e mistérios do paganismo nórdico – representados no conto por Odin e Freya – a meras superstições e feitiçaria, ao mesmo tempo em que exalta a superioridade moral e espiritual da religião cristã – representada pelo homem batizado, isto é, Ivar, o Luminoso, e o rei Olaf Tryggvason – sobre esse mesmo paganismo. Mais do que isso, ele é também uma eulogia a Tryggvason, à semelhança dos poemas *skaldicos*, demonstrando como o rei Tryggvason e sua evangelização da Noruega foram incorporados ao imaginário literário dos cristãos nórdicos do século XV.

V. Considerações finais

Nem sempre é possível tomar a Literatura como base para se estudar a História. Do mesmo modo, a Literatura tem suas próprias necessidades a considerar, independentemente da veracidade histórica. É fato, no entanto, que a Literatura tem sido usada ao longo de sua existência para encobrir a História, ou, ao menos, modificar o modo como esta última é percebida, e que a evolução da História influencia a evolução da Literatura – afinal, não é a Literatura, pelo menos em certa medida, um reflexo (ainda que distorcido) da sociedade que a produz?¹⁷

O propósito deste artigo não é o de estudar a fundo a relação entre História e Literatura, mas apenas o de demonstrar a relação entre o processo de cristianização da Noruega durante o reinado de Olaf Tryggvason e o fortalecimento da monarquia norueguesa e como esses desenvolvimentos podem ser observados no conto islandês *Sörla Tháttr* em uma análise literária mais profunda do conto islandês, e com isso, aproximar os campos da História e da Teoria Literária de modo que uma complemente a outra, sempre respeitando os limites das duas ciências.

Fontes primárias

- BELLOWS, Henry Adams (Trad.). *The Poetic Edda: the mythological poems*. Nova Iorque: Dover Publications, 2004.
- STURLUSON, Snorri. *Edda*. Tradução para o inglês por Anthony Faulkes. Londres: Everyman, 1995.
- STURLUSON, Snorri. *Heimskringla, or The chronicle of the Kings of Norway*. Tradução para o inglês por Samuel Laing. Londres: Longman, Brown, Green & Longmans, 1844. Disponível em: <http://omacl.org/Heimskringla> Acesso em 03/08/2010.
- THORDSON, Jon; THORHALSON, Magnus. The tale of Hogni and Hedinn. In: *Three Northern love stories, and other tales*. Tradução para o inglês por Eiríkr Magnússon e William Morris. Londres: Ellis and White, 1875. Disponível em: http://www.yorku.ca/inpar/hogni_eirikr.pdf Acesso em 03/08/2010.
- CHAPPELL, Gavin (Trad.). *The saga of Hromund Gripsson*. Disponível em: <http://www.northvegr.org/sagas%20annd%20epics/legendary%20heroic%20and%20imaginative%20sagas/old%20heithinn%20tales%20from%20the%20north/001.html> Acesso em 03/08/2010.

Referências

- BOULHOSA, Patricia Pires. Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia medieval. *Signum*, n. 7, 2005, p. 13-39.
- DAVIDSON, H. R. Ellis. *Deuses e mitos do norte da Europa*. São Paulo: Madras, 2004.
- DUMÉZIL, Georges. *Do mito ao romance*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Encyclopaedia Britannica Online*. Disponível em: <http://www.britannica.com> Acesso em 03/08/2010.
- FORTE et al. *Viking empires*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- FRANK, Roberta. Skaldic poetry. In: CLOVER, Carol J.; LINDOW, John (Org.). *Old Norse-Icelandic literature: a critical guide*. Toronto: University of Toronto Press, 2005, p. 157-196.
- FRYE, Northrop. *Anatomy of criticism: four essays*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- HARRIS, Joseph. Eddic poetry. In: CLOVER, Carol J.; LINDOW, John (Org.). *Old Norse-Icelandic literature: a critical guide*. Toronto: University of Toronto Press, 2005, p. 68-156.
- JOCHENS, Jenny. Late and peaceful: Iceland's conversion through arbitration in 1000. *Speculum*, 74 (3), 1999, p. 621-655.
- JONES, Gwyn. *A History of the Vikings*. New York: Oxford University Press, 1984.
- MELETINSKY, E. M. *Os arquétipos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- LINDOW, John. Mythology and Mythography. In: CLOVER, Carol J.; LINDOW, John (Org.). *Old Norse-Icelandic literature: a critical guide*. Toronto: University of Toronto Press, 2005, p. 21-67.
- LÖNNROTH, Lars. The Vikings in History and legend. In: SAWYER, Peter (Org.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. New York: Oxford University Press, 1997, p. 225-249.
- SORENSEN, Preben Meulengracht. Religions old and new. In: SAWYER, Peter (Org.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. New York: Oxford University Press, 1997, p. 202-224.

NOTAS

¹ “Unless forsooth thou bring to pass, that two kings, each served of twenty kings, fall to strife, and fight under such weird and spell, that they no sooner fall adown than they stand up again and fight on: always unless some christened man be so bold of heart, and the fate and fortune of his lord be so great, that he shall dare go into the battle, and smite with weapons these men: and so first shall their toil come to an end, to whatsoever lord it shall befall to loose them from the pine and trouble of their fell deeds.” Todas as traduções para o português neste trabalho foram feitas por Tiago Quintana.

² “O conto de Sörlí”, em uma tradução livre. Eiríkr Magnusson e William Morris o traduziram como *The Tale of Hogni and Hedinn*, ou “O conto de Hogni e Hedinn”.

³ Em seus artigos *Religião e magia entre os vikings: uma sistematização historiográfica* (2005) e *A cristianização dos vikings e do Norte europeu* (2005), o pesquisador brasileiro Johnni Langer discute a religiosidade pagã dos nórdicos e a conversão destes ao cristianismo; no entanto, devido à diferença teórico-metodológica entre as duas propostas no que tange à análise literária e à representação literária de elementos mitológicos, escolheu-se neste artigo referir-se diretamente a autores como Georges Dumézil, H. R. Ellis Davidson e Lars Lönnroth, dentre outros, citados por Langer (LANGER, J. *Religião e magia entre os vikings: uma sistematização historiográfica*. In: *Brathair* 5 (2), 2005, p. 55-82. www.brathair.com Acesso em 03/08/2010; LANGER, J. *A cristianização dos Vikings e do norte europeu*. In: *História: Questões & Debates* 43, p. 185-189, 2005).

⁴ “The king then went to the north part of Viken and invited every man to accept Christianity; and those who opposed him he punished severely, killing some, mutilating others, and driving some into banishment.”

⁵ “He then sailed to Hlader, in Thronhjem; had the temple there razed to the ground; took all the ornaments and all property out of the temple, and from the gods in it; and among other things the great gold ring which Earl Hakon had ordered to be made, and which hung in the door of the temple; and then had the temple burnt.”

⁶ Then the king proceeded to Tunsberg, and held a Thing, at which he declared in a speech that all the men of whom it should be known to a certainty that they dealt with evil spirits, or in witchcraft, or were sorcerers, should be banished forth of the land. Thereafter the king had all the neighborhood ransacked after such people, and called them all before him;(…). The king let all these men be seated in one room, which was well adorned, and made a great feast for them, and gave them strong drink in plenty. Now when they were all very drunk, he ordered the house be set on fire, and it and all the people within it were consumed,(…).

⁷ “At length he brought it so far, that all the kingdom which his father King Trvgve had ruled over, and also that of his relation Harald Grenske, accepted of Christianity; and during that summer (A.D. 996) and the following winter (A.D. 997) all Viken was made Christian.”

⁸ “Now when the bondes came to the Thing, and the Thing was formed, King Olaf arose, and at first spoke good-humoredly to the people; but they observed he wanted them to accept Christianity, with all his fine words: and in the conclusion he let them know that those who should speak against him, and not submit to his proposal, must expect his displeasure and punishment, and all the ill that it was in his power to inflict.”

⁹ Em português pode-se também usar o termo “escaldo”; além disso, em vez de *eddaico* ou *skaldico*, pode-se usar os termos “édico” e “escáldico”. No entanto, por razões estilísticas, neste artigo foi mantido o uso dos termos originais.

¹⁰ Aliteração é uma figura de linguagem que consiste na repetição de consoantes, vogais ou sílabas em um verso. Um exemplo disso é o verso infantil “O rato roeu a roupa do rei de Roma”. Na antiga poesia nórdica, no entanto, a aliteração consistia na repetição de sílabas tônicas, não de letras.

¹¹ *Kenningar* são figuras de linguagem que, à semelhança da metonímia, substituem o nome de uma pessoa, objeto, local ou evento. Desse modo, o *kenning* “matador de gigantes” pode ser usado para substituir o nome do deus Thor, conhecido por suas batalhas contra os gigantes.

¹² *Heiti* são palavras raras usadas no lugar de outras mais comuns por razões estilísticas. Um exemplo de *heiti* é o uso de *skaevadr* (“viajante veloz”, em uma tradução livre) em vez de *hestr* (“cavalo”), ou, em português, o uso de “donzela” no lugar de “virgem”.

¹³ “(...)though they clave each other down to the shoulders, yet still they stood upon their feet and fought on(...”

¹⁴ “(...)nor shall aught loose us therefrom till a christened man fight with us; and then whoso he smiteth down shall rise up no more(...”

¹⁵ Resumo do conto feito com base na tradução para o inglês de Eiríkr Magnússon e William Morris.

¹⁶ *Euhemerismo*: teoria criada pelo filósofo grego Euhemerus, a qual diz que eventos e personagens mitológicos nada mais são que reflexos de eventos históricos; sendo assim, mesmo os deuses eram apenas reis e heróis que foram deificados após sua morte. (Encyclopaedia Britannica Online Disponível em: <http://www.britannica.com/eb/article-9033209/Euhemerus> Acesso em 03/08/2010.)

¹⁷ Para discussões aprofundadas sobre a relação entre mitologia, literatura e sociedade, e sobre a representação literária de temas e arquétipos mitológicos, ver Davidson 2004; Dumézil 1992; Frye 2000; Meletinsky 2002 e Lindow 2005.